JUVENAL GALENO

Juvenal Galeno, que falleceu no dia 7 de Março ultimo, é uma legitima gloria das letras cearenses.

Vindo de uma geração literaria já remota, e que floresceu de 1850 a 1870, em pleno romantismo, Juvenal Galeno, apezar de sua longa existencia, prende-se exclusivamente áquelle periodo.

Estreando-se em 1856 com **Preludios Poeticos**, primeiros vôos liricos, ainda incertos, e publicando em 1861 um poemeto **Porangaba**, já em 1865 fazia surgir as **Lendas e Canções Populares**, obra que lhe firmou para sempre um logar na literatura brasileira. A **Lyra Cearense** appareceu em 1872, nada accrescentando, entretanto, ao renome do nosso grande poeta popular.

Teve elle o merito de não se deixar influenciar pelas correntes literarias da época, e que transviaram alguns dos melhores talentos poeticos do Brasil. Com Bittencourt Sampaio, Franklin Doria, Bruno Seabra e poucos mais, procurou no sentimento popular, na alma de sua raça, a fonte da propria inspiração.

Constituem, além disso, as **Lendas e Canções**, uma expressão de nossa literatura regional, uma pittoresca documentação do nosso folk-lore.

A poesia ingenua e simples do nosso povo, na sua dolencia e sensualismo, nas suas crendices e superstições, ahi está em toda sua rusticidade, assim como está retratado o meio em que elle vive.

E' a paysagem do nosso sertão, nos seus vivos contrastes de fartura e miseria, é a lucta do homem semi-barbaro no meio inconstante; são as praias longas e alvas, com seus scenarios amplos e suggestivos, e toda a vida de audacia, temeridades e sacrificios dos pescadores.

Juvenal foi o Homero dessa gente, foi o grande cantor dos pobres e dos humildes.

Não ha, na sua obra, nenhuma idealisação artistica, nenhuma preoccupação de ordem esthetica. E' a pura espon-

taneidade de um coração identificado com os sentimentos do seu povo, nas suas alegrias e soffrimentos.

Nos seus versos patenteiam-se com vigor os traços essenciaes da psyche das sub-raças que povoam nossos sertões — o pundonor da valentia, o espirito de astucia, a credulidade supersticiosa, o animo aventureiro, a desconfiança aggressiva...

E' essa a gloria de Juvenal. Seus versos, que têm a frescura nativa e meio agreste da fonte em que se inspiraram, vivem no coração e nos labios do povo, e, portanto, immortaes.

Não cabe, neste rapido necrologio, analysar a obra do glorioso cearense, apenas quizemos accentuar o seu valor e significação.

O illustre bardo cearense pertencia ao quadro de socios honorarios do Instituto do Ceará.

Sobre sua vida e bibliographia são os seguintes os dados offerecidos pelo inestimavel Diccionario Bio-Bibliographico do Barão de Studart:

"Filho de José Antonio da Costa e Silva e de D.ª Maria do Carmo Theophilo e Silva, nasceu a 27 de Setembro de 1836 em Fortaleza na casa n. 66 da rua Formosa, visinha á casa em que funccionou o **Cruzeiro do Norte** e anteriormente occupada pela Lytho-Typographia Cearense, que era de propriedade de D.ª Diva de Alencar Gadelha e substituiu á Lithographia Cearense dos irmãos Costa Souza. Neto pelo lado paterno de Albano da Costa dos Anjos e pelo lado materno do português Manoel José Theophilo. Primo pelo lado paterno de Capistrano de Abreu e pelo materno de Clovis Bevilaqua.

Em 1850 por morte do Dr. Ayres, que exercia a medicina no Aracaty, tratou José Teixeira Castro de dar-lhe successor. Teixeira Castro que foi o sogro do Dr. Thomaz Pompeu Filho e do Desembargador Gomes Tavares, era dono de grande pharmacia e tinha pois interesse em que a localidade possuisse um profissional. Sobre Marcos Theophilo, tio de Juvenal, recahiram suas vistas e para lá seguiu o novo medico mediante o partido de dois contos de réis.

Em companhia do parente seguiu Juvenal, que já então estudava latim com o Pe. Nogueira Braveza.

A mudança não lhe prejudicava os estudos porquanto, em Aracaty, havia uma Escola Publica da mesma disciplina sob a regencia de Porfirio Saboia; nessa escola matriculou-se elle. Foram seus condiscipulos Pergentino, Glycerio, Sá Leitão, que depois de Juiz de Direito tomou ordens sacras e Leoncio Chaves, o heroico Padre que succumbiu na epidemia do cholera victima de sua admiravel caridade.

Ao tempo em que frequentava o curso publico, ouvia Juvenal egualmente as lições de um seu amigo, que se empregava a desmanchar fardos de fumo e a fazer e vender charutos. Esse charuteiro mais tarde frequentou o Seminario de Olinda, emprehendeu uma viagem á Terra Santa e cingiu com brilho a Mitra Pernambucana; chamou-se D. Manoel de Medeiros.

Destinado por seu pae que vivia da agricultura, a substituil-o como unico filho varão, que era, na direcção dos trabalhos ruraes, conseguiu, todavia, Juvenal, a permissão de visitar a Capital do paiz e para o Rio se transportou. Ali ligou-se intimamente a Paula Brito a quem o recommendaram cartas de Rufino José de Almeida, o velho, residente em Recife, um amigo de seu pae que estivera no Ceará.

A casa de Paula Brito era então o rendez-vous dos maguatas e tambem dos homens de lettras; ahi travou Juvenal relações com alguns que mais tarde e hoje têm chamado a attenção publica e celebrisado o nome, por exemplo Machado de Assis, então typographo, e Quintino Bocayuva, pupilo de Saldanha Marinho e que substituiu a Alencar na redacção do **Diario do Rio de Janeiro**.

Em tal meio as lettras seduziam; Juvenal principiou a escrever poesias e a publical-as na **Marmota Fluminense**, propriedade de Paula Brito, em que collaboravam Macedo, o autor da **Moreninha** e do **Moço Louro**, Teixeira e Souza a quem se deve o poema **Independencia do Brasil**, e outros distinctos litteratos.

Instado pela familia a regressar, Juvenal ajuntou os magros dinheiros, que tinha e que o pae destinara a um passeio pelo interior da provincia do Rio no proposito de que estudasse de visu o que dizia respeito á cultura caféeira, e enfeixando em livro as suas poesias esparsas publicou os **Preludios.** Na mesma mesa em que tirava as provas na typographia de José Soares Pinho tirava tambem Mello Moraes Pae as provas da sua **Physiologia das Paixões.**

De volta ao Ceará sobraçava Juvenal dous exemplares dos **Preludios** ricamente encadernados. Eram um mimo para o pae e para a mãe extremosa e afim de mais captival-os encerravam o retrato do joven cultor das musas. Esse trabalho de photographia, que fôra arranjado por intervenção de Insley Pacheco, a quem Mello Moraes Filho dedicou algumas paginas do seu bello estudo intitulado **Artistas do meu tempo**, foi, talvez, o primeiro que o Brasil conheceu. Simples prova ou ensaio, mantem-se até hoje perfeitamente esse retrato como verifiquei.

Joaquim José Pacheco, depois Joaquim Insley Pacheco, a quem me referi, chegando de Portugal á Fortaleza foi por annos caixeiro de Antonio Borges e depois de João Antonio Garcia, com cuja filha, D.ª Elvira, consorciou-se a 6 de Agosto de 1852, sendo celebrante do acto o Pe. José Candido da Guerra Passos e testemunhas Antonio de Oliveira Borges e sua Senhora e o Commendador Francisco Coelho da Fonseca e D.ª Maria Ephigenia, irmã mais velha da noiva; depois seguiu para os Estados Unidos, onde aperfeiçoou-se na arte da photographia para a qual tinha decidido pendor, e onde nasceu-lhe a primeira filha tambem de nome Elvira.

Tornando ao Ceará após penosissima viagem aqui demorou-se por algum tempo, seguindo depois para Pernambuco e dahi para o Rio de Janeiro, onde fixou residencia e viveu a trabalhar honrando-se e a profissão que se fez notavel e tão apreciado.

Na sua fazenda da Serra da Aratanha, onde residiu até 1886, consorciou-se Juvenal a 19 de Novembro de 1876 com D.ª Maria do Carmo Cabral e Silva, filha do Commendador Cabral de Mello.

Por occasião da ceremonia, que foi celebrada pelo bispo Dom Luiz Antonio dos Santos, recitou uma poesia encomiastica um dos sacerdotes da comitiva. Terminava ella assim:

Salve festa dies; Juvenalis tu inclyte vates
Salve; et tu conjux ipsi carissima, salve

O autor da poesia chamava-se Jeronymo Thomé da Silva, que foi depois Arcebispo da Bahia.

Desse matrimonio deixa os seguintes filhos: doutora Henriqueta Galeno, bacharel em direito; D.ª Maria do Carmo Sidou Galeno, esposa do Sr. J. Sidou; D.ª Julinha Santanna Galeno, esposa do Dr. Manoel Santanna, juiz de direito de S. Francisco de Uruburetama; Dr. Antonio Galeno da Costa e Silva, juiz de direito da comarca de Milagres, e José Galeno da Costa e Silva, agricultor no municipio de Pacatuba.

Mudando de residencia para Fortaleza, Juvenal exerceu até 1908 o cargo de Bibliothecario Publico, que occupava desde 1889 por nomeação do presidente Caio Prado e em substituição ao Dr. Antonio Augusto de Vasconcellos, nomeado lente da Escola Militar.

Em 1859 tomou assento como deputado supplente pelo circulo do Icó, sendo um dos que recusaram as leis de meio ao

Presidente Silveira de Souza. Nessa sessão apresentou e defendeu um projecto de creação de uma escola pratica, escola normal de agricultura, de que se occupou o **Sol** de Pedro Pereira.

Era Cavalheiro da Ordem de Christo.

E' a seguinte a lista de suas obras:

— **Preludios Poeticos**, Rio de Janeiro. Typ. Americana de José Soares do Pinho, rua d'Alfandega n.º 210, 1856, com 152 pp.

— **A machadada, poema phantastico** por..., Ceará, impressa na Typ. Americana de Theotonio Esteves de Almeida, rua do Fogo, 1860, com 26 pp.

Deu causa á **Machadada** ter Juvenal Galeno, que então era alferes da Guarda Nacional, preferido comer um appetitoso perú em companhia de Gonçalves Dias, Pompeu e Coutinho a se achar presente a uma Revista do seu batalhão; dahi seis dias de prisão no Estado Maior por ordem do Commandante Superior João Antonio Machado; dahi a terrivel versalhada, para cuja não publicação choveram os pedidos tanto perante o autor como junto a Theotonio Esteves, que resistiu a todas as peitas e seducções.

Celebrou-se o banquete, em que se sacrificou o perú preferido ás manobras e exercicios da velha Guarda Nacional, no edificio construido em Jacarécanga em que então se hospedava parte da Commissão Scientifica e que mais tarde serviu de Lazareto.

— **Pirangaba**, Ceará, Typ. Cearense, impresso por Joaquim José de Oliveira, 1861. 102 pp.

— **Quem com ferro fere com ferro será ferido**, comedia levada á scena em Fortaleza pela 1.ª vez a 3 de Novembro de 1861. Não foi impressa.

— **Lendas e Canções Populares**, Ceará, 1865, Typ. de João Evangelista, 415 pp.

Teve 2.ª edição augmentada com as "Novas Lendas e canções" e precedida dos juizos criticos de Pinheiro Chagas, Araripe Junior, Franklin Tavora, José Feliciano de Castilho, Fernandes Pinheiro, Marques Rodrigues e Machado de Assis. Lisboa, 1892, Typ. da Casa editora Antonio Maria Pereira, com 622 pp., edição de 3.000 exemplares, editor Gualter R. Silva.

— **Scenas Populares**, Ceará, Typ. do **Commercio**, 1871, com 283 pp.

Teve 2.ª edição com uma carta de José de Alencar, editor Louis Cholowiecki, 1902, e 321 pp. notas inclusive.

Sobre as **Scenas Populares** escreveu José de Alencar: "Livro tão original ainda não se escreveu entre nós, e o Ceará deve lisongear-se de ter quem lhe dê na litteratura patria um logar

que não tem outras Provincias mais ricas e adiantadas em progresso material.

— **Canções da Escola**, obra adoptada pelo Conselho de Instrucção Publica do Ceará para uso das aulas primarias, Ceará, Typ. do **Commercio**, 1871, á venda na livraria de Joaquim J. d'Oliveira & Filho, á Praça do Ferreira, 34 pp. com 14 canções.

— **Lyra Cearense**, Ceará, Typ. do **Commercio**, 1872, com 150 pp.

— **Folhetins de Silvanus**, Fortaleza, Typ. Universal de Cunha Ferro & Cia., rua Formosa n. 33, 1891, 219 pp.

Além dessas obras publicou, mais de uma vez, satyras em verso e prosa e collaborou em revistas e jornaes do Ceará e Rio de Janeiro, como o **Peregrino**, **Revista do Instituto do Ceará**, **A Quinzena**, **Republica**, **Revista Popular** e **Jornal das Familias**.

No **Diccionario Universal** de Maximiano Lemos encontram-se a biographia, aliás muito resumida, e um optimo retrato de Juvenal Galeno, que nelle é qualificado de Berenger Brasileiro. **A Penna**, Revista Scientifica e Litteraria de Fortaleza sob a redacção de Graccho Cardoso, Marcolino Fagundes e Mattos Guerra, traz tambem no n. 4.º sua biographia.

No Quadro Synthetico da evolução dos generos na Litteratura Brasileira por Sylvio Roméro é Juvenal o unico cearense citado no quadro Poesia, e figura como representante do Periodo Romantico, quarto momento, ao lado de Bittencourt Sampaio, Bruno Seabra, Mello Moraes Filho, etc."